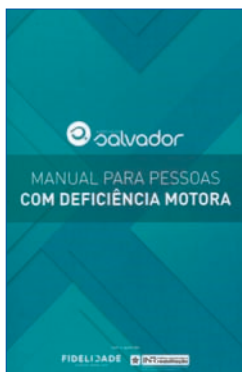


# Livros



## MANUAL PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA MOTORA

Autora: Associação Salvador

Coautores: Fidelidade, Companhia de Seguros, SA e Instituto Nacional para a Reabilitação, IP

Este manual procura dar resposta “a diferentes questões transversais aos percursos de vida, nomeadamente nas áreas do emprego, acessibilidades, habitação, clarificando questões de crédito, subsídio de renda, tarifas sociais e apoios extraordinários, entre outros temas, que são, sem dúvida, importantes para garantir os direitos das pessoas com deficiência”. (pg 8). Tem por objetivo “facilitar a vida das pessoas com deficiência motora, dos seus familiares e cuidadores, assim como a de todos os profissionais ligados a esta área”. (pg 17).

O primeiro capítulo esclarece o que é deficiência motora e os tipos desta deficiência. Nos capítulos seguintes são abordados “temas essenciais como produtos de apoio, formação e emprego, saúde, desporto, acessibilidades, transportes, entre outros, com o objetivo de partilhar informação, apoios e soluções para a melhoria da qualidade de vida”. (pg 17).



## ÚLTIMA VIÚVA DE ÁFRICA

Autor: Carlos Vale Ferraz

Edição: Porto Editora, Lisboa, Setembro de 2017

Que eu conheça, o autor é o mais prolixo escritor sobre a guerra colonial, tanto em obras de ficção, como esta, como em obras de investigação onde assina o seu nome verdadeiro, Carlos Matos Gomes, geralmente em associação com Aniceto Afonso.

“Em A Última Viúva de África, somos transportados para as origens das lutas pela independência das colónias africanas, no Congo, e a partir daí para os seus reflexos em Angola e Moçambique, recorrendo a personagens reais e ficcio-

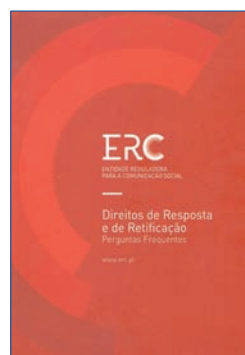
Por José Diniz

nadas.”

A leitura e a compreensão deste livro não é fácil, pois, além de uma história linear com condimentos de espionagem que prende o leitor, o autor “atira” para outras direções traçando uma análise crítica dos tempos coloniais, do regime do Estado Novo, da Guerra Colonial e dos tempos democráticos que se seguiram à Revolução de Abril de 1974.

Na história de espionagem pontifica a minhota Alice Oliveira que, ainda jovem, emigra para o então Congo Belga e por lá fica depois da respetiva independência. Como alguns outros, teimou em ficar por África, tornando-se numa personagem influente em várias frentes. Ficou conhecida dos serviços secretos portugueses como Madame X; os mercenários do Catanga tratavam-na por Kisimbi (mãe); ela própria se dizia a viúva branca do continente africano, um paraíso perdido com a descolonização. Outra personagem misteriosa desta história é Miguel Barros, um produtor cinematográfico que sempre escondeu o seu passado, apenas revelado depois da sua morte numa gravação que confia a uma amiga e que dá corpo a esta obra.

Alguns dos romances do Coronel Matos Gomes foram adaptados para o cinema e deram filmes de sucesso como “Os Imortais”, adaptado do romance “Os Lobos não Usam Coleira”. “A Última Viúva de África” tem todos os ingredientes para seguir o mesmo caminho. Agora que temos o livro ficamos a aguardar pelo filme.

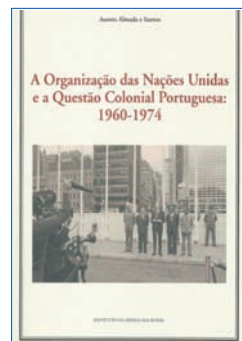


## DIREITO DE RESPOSTA E DE RETIFICAÇÃO PERGUNTAS FREQUENTES

Autor e editor: ERC-Entidade Reguladora para a Comunicação Social, Lisboa, Maio de 2017

Partindo da análise de casos concretos sobre direito de resposta e de retificação surgidos nos órgãos de comunicação social, sobretudo na imprensa escrita, nos últimos anos, a ERC promoveu esta publicação que apresenta, “através de uma linguagem acessível e de acordo com uma sistematização que visa facilitar uma célebre e eficaz consulta por temas, as principais regras aplicáveis aos direitos de resposta e de retificação.”

Este trabalho foi elaborado pelo Departamento Jurídico da ERC, o que atesta bem a sua qualidade e utilidade para as direções e redações dos OCS e “para todos os cidadãos interessados nos direitos de resposta e de retificação.”



## A ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS E A QUESTÃO COLONIAL PORTUGUESA: 1960-1974

Autora: Aurora Almada e Santos

Edição: Instituto de Defesa Nacional, Lisboa, 2017

Para além da guerra que Portugal travou em África na década de 60 e 70 do Século XX, e que os antigos combatentes conhecem bem demais, a diplomacia portuguesa travou também outra guerra bem acesa nos areópagos internacionais, em especial no âmbito da Organização das Nações Unidas (ONU). Para quem queira aprofundar o que foram os bastidores diplomáticos da ONU nesse período e o papel que esta Organização teve na autodeterminação e independência dos territórios coloniais tem neste livro um instrumento indispensável.

Enquanto as outras potências coloniais foram concedendo a independência às suas colónias logo após a II Guerra Mundial, processo que se prolongou até ao final dos anos 50, princípios de 60, a obstinação do regime português em reconhecer esse direito aos seus territórios ultramarinos,

levou à invasão do Estado Português da Índia e à eclosão da guerrilha em Angola, Guiné e Moçambique. Em simultâneo, obrigou as Nações Unidas (NU) a produzir doutrina sobre os povos e territórios colonizados, ultrapassando mesmo o âmbito da Carta das Nações Unidas.

Pela leitura desta obra ficamos também a perceber o contorcionismo diplomático e político a que Portugal foi obrigado para não perder de todo a face, para conter o radicalismo de muitos países e para garantir algum apoio de outros nas frentes diplomática, política e militar.

Diz a autora na conclusão, resumindo de forma excelente o conteúdo da sua obra que resultou da sua tese de doutoramento: “O registo da ação das NU quanto ao colonialismo português poderá ser descrito como complexo, podendo-se apontar simultaneamente aspetos positivos e negativos. Muito embora a Organização tivesse demonstrado as limitações das tentativas de imposição da mudança normativa associada à ideia de autodeterminação, deve-se reconhecer a importância que as suas decisões tiveram na internacionalização da questão colonial portuguesa. Mesmo não tendo conseguido a cessação da guerra colonial, as NU foram essenciais no apoio à luta das organizações anticoloniais, o que permite afirmar que todo o processo que desde 1961 resultou na independência das colónias portuguesas somente encontra sentido se se equacionar a sua atuação.” (pg 322).

# Associados Falecidos



António Joaquim Fonseca Magalhães, associado 4146, natural da freguesia de Foz do Douro do concelho do Porto, residente na freguesia de Ermesinde do concelho de Valongo. Serviu na Companhia de Caçadores 6 na Guiné. Faleceu a 23Set2017 com 72 anos.



Álvaro Jesus Marques, associado 12946, natural e residente na freguesia de Currelos do concelho de Carregal do Sal. Serviu em Angola. Faleceu a 06Out2017 com 78 anos.



Fernando Renato Pereira Jorge, associado 12086, natural da freguesia de S. Sebastião

da Pedreira do concelho de Lisboa, residente na freguesia de Estoril do concelho de Cascais. Serviu na CArt 2646 do BArt 2901 em Moçambique. Faleceu a 08Out2017 com 69 anos.



Joaquim Santos Silva, associado 10796, natural e residente na freguesia de Tropeço do concelho de Arouca. Serviu na CCaç 2588 na Guiné. Faleceu a 10Out2017 com 70 anos.



António Costa Pereira, associado 3510, natural e residente na freguesia de Retorta do concelho de Vila do Conde. Serviu no BCaç 2911 em Angola. Faleceu a 13 Out2017 com 70 anos.

## NOVOS ASSOCIADOS

Relação dos candidatos a associados efetivos para publicação no Jornal ELO, conforme estipulado no nº 4, do artigo 8º, dos Estatutos:

Maria Carmo Almeida Rebelo • Amélia Gomes Carvalho • Jaime Henriques Silva Nunes • Judite Bregieira Santos • José Silva • Maria Eduarda Vieira Filipe Pedrosa • Olga Dores Laranjeira Machado Santos Almeida • Teresa Céu Pereira Narciso Soares • António Soares Teixeira • Elza Maria Fernandes Ferreira Pinto Santos • Fernando Cardoso Ferreira Conceição • Francisco António Correia • Joaquim Felicíssimo Fonseca Balas • Luisa Fernanda Ramos Santos Rodrigues • José Carlos Azevedo Neves Carvalhosa • Maria Conceição Marques Brito Jorge • José António Ferreira Martins